

ESPORTES

correibraziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

Spencer Lee deixa Brasília

Spencer Lee não é mais técnico do Brasília Vôlei. O líder do time nas últimas duas temporadas da Superliga Feminina está de mudança para o Sesi Bauru. O projeto na equipe paulista tem desafios internacionais e convenceram o profissional a deixar o Distrito Federal rumo a São Paulo. O treinador confirmou a mudança ao Correio. "Agradeço muito a oportunidade, ao projeto Brasília Vôlei, ao apoio da torcida, que sempre acompanhou o nosso trabalho. Espero deixar a porta aberta", afirmou.

VÔLEI Membro da época dourada do esporte, André Heller assume papel de interlocutor da formação esportiva e defende aprendizado contínuo como essência do processo. Campeão olímpico, ex-central prega cuidado na comparação entre gerações

Voz de impacto

Divulgação/CBC



DANILO QUEIROZ

Cinco perguntas para...

ANDRÉ HELLER, campeão olímpico de vôlei em Atenas-2004 e membro da gestão do Comitê Brasileiro de Clubes (CBC)

Como começou sua relação com o CBC e qual a importância de eventos como o fórum em Campinas?

Eu tenho uma relação muito estreita com o CBC desde 2017, quando recebi o convite para compor o colegiado de direção. E, desde lá, tenho participado de praticamente todos os eventos. O CBC, através da descentralização dos recursos, faz uso de vários eixos: desde equipamentos esportivos, passando por recursos humanos, equipes multidisciplinares, os Campeonatos Brasileiros Interclubes (CBIs). Já temos a capacitação de profissionais. São quatro dias de evento. Contatos acontecem, muito aprendizado, conhecimento, muitas dúvidas são sanadas.

comunicação me abriria portas e que eu iria construir oportunidades estudando seriamente sobre isso, eu fiz todas as formações e fui para o mercado me testar", lembrou o ex-atleta, hoje graduado em Gestão Aplicada ao Esporte e Neurocoaching.

André não se vê como um comunicador nato, mas sustenta a atuação fora das quadras com a mesma filosofia aplicada nos tempos de atleta. "Eu não sei se tenho essa desenvoltura, mas eu sei que gosto de aprender. E eu me divirto, porque acho que essa é uma abordagem que aproxima as pessoas. Eu não me entendo como um superatleta, por mais que tenha medalha olímpica. Mas o que todos esses atletas fizeram não foi porque eram super-heróis. Na verdade, eles focaram e acreditaram no processo. É nisso que eu foco. E esse processo é pleno de aprendizado", afirmou.

O networking é valioso?

Nós trazemos grandes personalidades, grandes nomes do esporte, mas também fora dele, de outras áreas de atuação, que ajudam muito para que os clubes e nós nos capacitemos. Não tem como dissociar uma cultura orientada aos resultados da cultura de aprendizagem. E o esporte respira isso. Então, é muito bacana. Isso aqui é uma feira na qual todos deveriam ter essa experiência. E eu tenho a honra de estar em cima do palco, fazendo o papel de mestre de cerimônias. Fui paineleiro. Eu me sinto muito privilegiado de poder participar de tudo isso.

Como soube que sua experiência poderia contribuir com o CBC?

Eu não tinha muito conhecimento sobre o trabalho e arrisco dizer

que o comitê também não tinha sobre minha atuação paralela. Eu trabalho há mais de 12 anos no ambiente corporativo. Eu tive uma experiência muito rica na gestão esportiva, comissão de atletas. Minhas primeiras formações, lá naquela época, foram em relação à gestão aplicada ao esporte. E foi um encontro muito bacana. E, desde o primeiro dia, fiquei muito impressionado com os processos, com a responsabilidade.

Essa é a principal diretriz de atuação do CBC?

A governança que o CBC tem é referência. E não sou eu que estou falando. A Controladoria-Geral da União (CGU) ficou um tempo auditando o CBC e o resultado da auditoria foi só recomendação para propagar o trabalho, a excelência

pelo ex-central: a educação aliada ao esporte. Ao longo da carreira e dos estudos posteriores, a percepção ganhou profundidade, hoje compartilhada também no Programa de Iniciação Esportiva Voleibol André Heller. "Eu dizia que o esporte era uma ferramenta de educação. Hoje, eu digo que o esporte é educação", cravou. A diferença, embora sutil na forma, é estrutural no conteúdo. Para ele, a prática esportiva ensina muito além da técnica: forma caráter, constrói valores e prepara para a vida.

Dentro e fora das quadras, o aprendizado se manifesta de forma contínua. "Na prática esportiva, em qualquer nível, o atleta aprende disciplina, resiliência, trabalho em equipe e também a lidar com a frustração. Aprende a construir vitórias e a compreender derrotas. O legado é o aprendizado. A medalha é o símbolo disso", reforçou. Em

com a qual o CBC trabalha. Inclusive, em função de trabalhar com recurso público, precisa de muita responsabilidade. O CBC tem essa capacidade, tem essa expertise. E faz parte do movimento mostrar para os clubes que essa excelência na governança tem que ser um parâmetro do setor esportivo.

Brasília vive um momento de capital do vôlei, com torneios em massa de praia e quadra. Quais os benefícios desse fenômeno?

É fundamental você ter as modalidades na cidade. Uma vai se destacar mais, outra menos, mas o esporte tem uma capilaridade gigantesca. Onde ele estiver, dependendo da modalidade e da localidade, isso é muito positivo. É muito bom que isso esteja acontecendo por aí.

tempos de estímulos rápidos e telas constantes, o recado ganha ainda mais peso. Para ele, não basta incentivar: é preciso viver. "Os pais precisam colocar os filhos no esporte. Mas também precisam fazer. Porque uma coisa é falar, outra é o filho ver você praticando", pontuou.

Desafio geracional

Durante a carreira, André Heller fez parte da geração de ouro do vôlei brasileiro, responsável por ampliar o esporte no país com conquistas e protagonismo. Esse passado, no entanto, impõe pressão ao presente. O ex-central evita comparações apressadas com os atuais protagonistas da modalidade e da Seleção. Para ele, a nova geração enfrenta um desafio silencioso: construir o próprio caminho sob a sombra de uma história vencedora. "O passado do vôlei é maravilhoso,

especial, mas é injusto com as gerações atuais. Aquilo que foi feito antes não significa que será repetido no presente", ponderou.

Na visão do ex-central, até a permanência de técnicos históricos — como Bernardinho, mentor das duas medalhas olímpicas conquistadas por André — precisa ser analisada dentro de contexto. "São outros atletas e competições. Podem até ser os mesmos técnicos, mas com outra mentalidade. Então, a comparação entre gerações é sempre injusta", salientou, antes de aplicar a própria experiência à prática do cenário atual. "A minha geração, por exemplo, só começou a ganhar a partir de 2001 (Liga Mundial e Copa dos Campeões). Antes disso, foram muitos anos sem títulos, mas que construíram o caminho", observou.

A leitura é direta: o esporte precisa reaprender a valorizar cada etapa. "Eu vejo de maneira muito positiva a geração atual. Ela está em um processo de construção. O problema é que temos uma cultura esportiva que só pensa na medalha, no primeiro lugar. Isso é pouco inteligente, pouco eficiente. Porque, no final das contas, o que transforma a gente é o processo. O que eu estou dizendo é quase uma utopia de mudar essa cultura, mas é possível. É necessário ter esperança", disse.

Entre o talento nas quadras e a desenvoltura ao microfone, André Heller segue em movimento, agora guiado menos pela bola e mais pelas ideias. Se antes construía vitórias com ataques e bloqueios, hoje ajuda a desenhar caminhos com palavras, reflexão e experiência. A essência permanece: acreditar no processo, valorizar o aprendizado e entender o esporte como ferramenta de transformação. No fim, pouco importa o palco. O jogo continua, apenas com novas formas de ser disputado.

* O repórter viajou a convite do Comitê Brasileiro de Clubes (CBC)